

OBRAS LITERÁRIAS E SUAS INFLUÊNCIAS: O LADO PSICOEMOCIONAL E O FATOR HUMANIZADOR DO SUJEITO LEITOR

LITERARY WORKS AND THEIR INFLUENCES: THE PSYCHOEMOTIONAL SIDE AND THE HUMANIZING FACTOR OF THE READER SUBJECT

Paulo Ricardo Santos Silva ¹

Naiana Siqueira Galvão ²

Resumo: Este trabalho propõe algumas discussões acerca da interação psicoemocional que a literatura, por meio da leitura, é capaz de promover nos sujeitos leitores. Surgem propostas com base em obras literárias capazes de evidenciar esse aspecto psicoemocional em decorrência de acontecimentos históricos no mundo, como o holocausto em Auschwitz. O objetivo é poder compreender essa forma psicoemocional da literatura agir ou gerar o caráter humanizado naqueles sujeitos que dela se apropriam numa perspectiva de profunda relação. O aporte teórico que direciona essa composição está amparado por Antonio Candido (2011) e Todorov (2009). Entendemos que esses leitores ao terem o contato com as histórias dos personagens relatados nessas obras aprendem a se colocar no lugar do outro, refletem sobre as mazelas sociais, e estimulam a humanização desde que suas subjetividades estejam alinhadas e amparadas por uma doação emocional e cuja alteridade venha preencher essa disposição entre o real e o fictício literário.

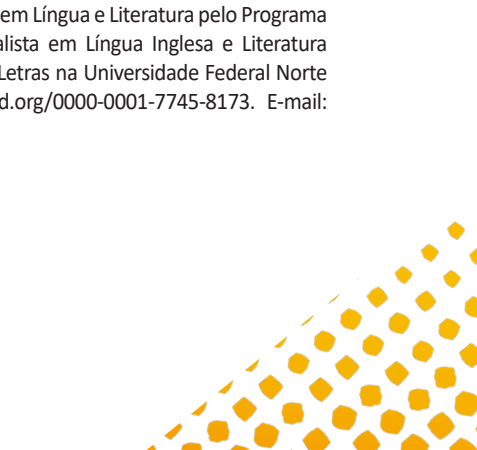
Palavras-chave: Literatura. Humanização. Alteridade. Psicoemocional. Subjetividade.

Abstract: The present paper proposes some discussions about the psycho-emotional interaction that literature, through reading, is capable of promoting in readers. In this way, this action acts as a catalyzing instrument in the promotion of otherness. This way, proposals based on literary works capable of highlighting this psycho-emotional aspect arise as a result of certain historical events in the world, such as the holocaust in Auschwitz. The goal is to understand this psycho-emotional way literature acts or generates the humanized character in those subjects that appropriate it in a perspective of deep relationship. The theoretical support that directs this composition is supported, mainly, by the productions Candido (2011) whose author defends the theory of the constitution of the humanization process by and through literature, as well as the contribution of the structuralist Todorov (2009). Thus, we understand that these readers by having contact with the stories of the characters reported in these works learn to put themselves in the place of the other, reflect on the social ills, and stimulate the development of the humanization process since their subjectivities are aligned supported by an emotional donation, whose otherness will fill this disposition between the real life and the literary fictional power.

Keywords: Literature. Humanization. Otherness. Psycho-emotional. Subjectivity.

¹ Graduado em Letras Inglês pela Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5033068347224995>. E-mail: pauloricardoeliene@gmail.com

² Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Trás - os - Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal. Mestre em Língua e Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína; Especialista em Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana pela Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional. Docente no curso de Letras na Universidade Federal Norte do Tocantins (UFNT) desde 2011. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3507712237173226>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7745-8173>. E-mail: anaialgalvao@hotmail.com



Introdução

A literatura, desde o seu surgimento, tem assumido um papel fundamental na formação e desenvolvimento das civilizações, para entender o porquê dessa importância é necessário conhecer a sua definição. Candido (2011, p. 176) nos apresenta o seguinte apontamento.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

E uma das formas de se entender o processo de desenvolvimento das civilizações é estudando a literatura. Por meio dela é possível termos um panorama de como as sociedades se organizam, até porque sendo o homem um ser dotado da capacidade reflexiva, por meio da literatura ele é capaz de expor suas emoções, intenções e ações.

Cada sociedade cria as manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CANDIDO, 2011, p. 177).

Baseado no que diz Candido, entendemos que desde os seus primórdios, sempre existiu na humanidade uma necessidade de expressar as suas ações e seus prodígios. Por meio de simples pinturas em paredes de cavernas (arte rupestre), ou por meio de narrativas (orais ou escritas) transmitidas de geração em geração que com o passar do tempo acabam se tornando crenças e verdades absolutas que sustentam de pé as bases culturais das civilizações humanas.

A propagação religiosa e o exercício da autoajuda não são os propósitos principais da literatura, todavia dependendo do gênero do qual o leitor tem contato, é inegável o poderio que ela exercerá na mente e consequentemente nas emoções desse indivíduo como podemos evidenciar em Todorov (2009) onde ele diz:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009 p. 76).

O poderio da literatura no qual Todorov expõe é uma força que transcende letras e páginas conectando-se com os mais íntimos sentimentos do leitor. Em momentos de fragilidade emocional a leitura literária é capaz de acalantar o indivíduo, seja por meio do senso de proximidade e identificação pessoal que ele desenvolve com outros seres humanos, mediante o contato com alguns personagens muitas vezes ficcionais de determinadas histórias. Mesmo que tenham um teor ficcional, o enredo dessas histórias consegue refletir muito bem as situações da realidade, permitindo com que o leitor literário consiga ter um norte que o ajude a viver de maneira satisfatória, reconfortante.

O lado psicoemocional e o fator humanizador do sujeito leitor nas obras literárias

Um exemplo que se encaixa muito bem com essa relação da literatura e a identificação dos leitores com as personagens das obras, é as do filme “Escritores da Liberdade”, lançado no ano de

2007, dirigido por Richard LaGravenese. O filme se baseou na história da professora Erin Gruwell, que escreveu o livro *Freedom Writers*, que traz relatos de sua experiência com os alunos da sala 203 do Colégio Woodrow Wilson. Nessa escola, a professora encontra-se no meio de uma realidade caótica de preconceito e segregação por parte dos próprios alunos. Na maioria dos casos enfrenta um contexto de sofrimento e violência causado pelos confrontos de gangues formadas por diversas etnias e a convergência desses conflitos para suas vidas práticas, nas ruas e no ambiente escolar.

Em um determinado momento do filme um aluno faz um desenho com aspectos racista de um outro aluno que é negro, isso acaba gerando uma situação tensa e dramática. A professora Gruwell toma a decisão de resolver esse dilema. Sua atitude é o ponto que a liga a ideia em questão. Em uma aula ela entrega para os alunos cadernos para que eles possam relatar os acontecimentos de suas vidas, e desta forma poderem expressar seus sentimentos e emoções. Em aspectos literários, há o reforço quando a professora fornece aos estudantes o livro "*O diário de Anne Frank*", porém foi preciso que ela mesma conseguisse várias cópias do livro, uma vez que a unidade escolar não dispunha de tantos exemplares e os poucos que havia não poderiam ser tomados de empréstimos pelos alunos.

A leitura do livro faz com que os alunos se identifiquem com os anseios e medos relatados por Anne, que, assim como eles, se vê envolta por um universo cercado de terror e violência que a fazia viver como se todo dia fosse mais uma batalha pela própria vida. Em contato com a história de Anne Frank, os alunos tiveram a oportunidade de viajar para conhecerem o museu do Holocausto. Após a viagem, quando eles estão em um hotel, aparecem várias pessoas que são participações especiais do filme, os quais de fato tinham sido sobreviventes de campos de concentração nazista. Nesse momento eles relatam aos alunos suas experiências nos campos de concentração onde cada um havia estado preso.

Uma outra situação interessante que acontece no filme é que depois que os alunos passaram a conhecer a história de Anne Frank, eles começaram a escrever cartas para a holandesa Miep Gies¹, a mulher que abrigou em um sótão a família de Anne. O intuito das cartas era que pudessem fazer uma visita a eles nos Estados Unidos para ministrar uma palestra. É importante frisar duas habilidades importantes no processo de aprendizagem que os alunos passaram a praticar. Primeiro a professora apresentou uma literatura que contextualizava com a realidade dos alunos despertando o interesse deles pela prática da leitura, segundo, além da identificação com a obra, a professora contribuiu para que eles exercitassem a prática da escrita através dos diários pessoais e das cartas para a senhora Miep Gies.

Percebe-se que a professora foi capaz de realizar de maneira prática aquilo que Todorov vem propondo, que é fazer com que os alunos tenham contato direto com os conteúdos das obras a fim de que elas exerçam o seu poder de os transformar a partir de dentro, Felipe Villela (2015) fornece uma resposta para a indagação sobre a importância em ter que realizar o ato da leitura.

[...] a resposta pelo porquê da leitura advém do esclarecimento do efeito proporcionado por ela na vida do leitor. Nossa tarefa será agora a de explorar a leitura enquanto uma ação que gera uma repercussão e, portanto, uma interferência na vida de quem lê. Essa interferência, como veremos, não pode ser medida, mas apenas vivida. Seu grau de profundidade, ou diríamos, seu potencial transformador, está diretamente ligado à vitalidade do diálogo estabelecido entre leitor e livro. Encontraremos então, uma maior expressão do efeito da leitura nas situações extremas da existência, situações essas em que a leitura de um livro não aparece como mero passatempo, mas como resposta vital e autêntica da vida diante de suas tragédias (VILLELA, 2015, p. 57).

¹ Conforme demonstra relatos da história de Anne Frank, o local onde ficaram escondidos era chamado de anexo secreto, localizado no andar superior de uma companhia holandesa, uma espécie de sótão. Para mais detalhes, visitar https://www.ebiografia.com/anne_frank. Acesso em 10 de outubro de 2021.

Na história do filme foi exatamente isso que a professora proporcionou, a leitura dos relatos de Anne Frank provocou uma interferência na vida dos alunos, pois eles passaram a refletir sobre eles mesmos conseguindo enxergar o sofrimento não como algo exclusivo de suas vidas, mas sim como realidade universal. Suas opiniões preconceituosas com relação aos grupos raciais que eles enfrentavam também foi confrontado ao verem como os nazistas enxergavam os judeus e outros grupos étnicos, ou seja, como raças inferiores que deveriam, portanto, serem exterminadas.

Desse modo, um sentimento de empatia em relação a situação dos judeus perseguidos foi sendo gerado neles, do mesmo modo isso contribuiu para a mudança no modo como cada um pensava, à proporção que iam superando traumas e dores e assim tornando-se capazes de pensar em seus futuros. Pois, no final do filme vemos que eles foram bem-sucedidos na vida educacional, terminando o ensino médio e entrando na faculdade. Por fim, o contato que esses alunos tiveram com a história de Anne Frank foi essencial, como dito por Villela, para trazer uma “resposta vital e autêntica da vida”, diante das tragédias sociais e existenciais vividas por eles.

Outro exemplo, envolvendo a literatura e a conduta do ser humano na relação de alteridade e empatia, ocorreu numa fase da história dos Estados Unidos da América, em que é dito que o presidente Abraham Lincoln declarou que o livro de Harriet Beecher Stowe, *Uncle Tom's Cabin* (1852), teria sido o causador da Guerra Civil Americana ou Guerra de Secessão, iniciada em 12 de abril de 1861 e encerrada em 22 junho de 1865. A guerra foi travada entre os estados do Norte, abolicionista, e os do Sul, escravagistas, foi motivada por divergências políticas, econômicas com interesses vigentes dos estados do sul, com alto índice de plantações e colheitas, além do grande número de escravos.

Harriet, nessa obra, denuncia a tirania moral da sociedade escravagista americana. O romance foca a questão do “amor cristão” em que a autora apresenta a relação de fé como um certo antídoto para o problema da escravidão. Devido ao sucesso de vendas que o livro teve no país, 300.000 cópias, pode-se dizer que foi uma grande influência para o fortalecimento dos movimentos abolicionistas da época.

O enredo do romance é dividido entre as histórias de dois personagens principais, Tom e Elisa, dois escravos que moram na mesma fazenda. O desenrolar dos conflitos dos personagens se inicia quando Arthur Shelby, o dono da fazenda, precisa quitar uma dívida muito alta se quiser continuar com a posse da propriedade. Para evitar o prejuízo, ele decide vender dois de seus escravos e conseguir a quantia necessária.

Um deles é Tom, um escravo de meia idade que tem mulher e filhos para cuidar. Ele é apresentado no livro como um escravo muito fiel aos seus donos, de personalidade dócil e como um cristão muito fervoroso. O outro escravo a ser vendido era o filho pequeno de Elisa, chamado Harry. Com medo de ficar longe do filho, Elisa decide fugir com ele e então poder chegar no Canadá. Logo, a trama se desenrola na fuga de Elisa com o filho e nas experiências de Tom com seus novos donos.

No romance, Harriet transmite as dores que seus personagens estão sofrendo, principalmente na questão da separação familiar, como é descrito no primeiro capítulo “In which the reader is introduced to a man of humanity”²

Eliza started. “O, missis!” she said, raising her eyes; then, bursting into tears, she sat down in a chair, and began sobbing.

“Why, Eliza, child! what ails you?” said her mistress.

“O! missis, missis,” said Eliza, “there’s been a trader talking with master in the parlor! I heard him.”

“Well, silly child, suppose there has.”

“O, missis, do you suppose mas’r would sell my Harry?” And the poor creature threw herself into a chair, and sobbed convulsively (STOWE, 2009, p. 56)

2 “Onde o leitor trava conhecimento com um homem” Oh, minha senhora — disse ela, levantando os olhos ao céu. Depois numa crise de choro, deixou-se cair numa cadeira, soluçando. Então, Elisa, minha filha! Vamos, que tens tu? Oh, minha senhora, minha senhora! Esteve cá um negociante a falar na sala com o senhor. Eu ouvi. E depois, minha tonta? Que tem que estivesse? Ah, minha senhora, acredita que o senhor era capaz de vender o meu Harry? E a pobre mulher atirou-se de novo sobre a cadeira, soluçando convulsivamente (tradução nossa).

E no quinto capítulo “Showing the feelings of living property on changing owners”³, temos o momento em que Tom descobre que foi vendido.

Tom had stood, during this speech, with his hands raised, and his eyes dilated, like a man in a dream. Slowly and gradually, as its meaning came over him, he collapsed, rather than seated, himself on his old chair, and sunk his head down upon his knees. “The good Lord have pity on us!” said Aunt Chloe. “O! it don’t seem as if it was true! What has he done, that Mas’r should sell him?” (STOWE, 2009, p. 84).

Pode-se ver nos episódios transcritos dois escravos sendo tratados como meras mercadorias, totalmente descartáveis. No entanto, a intenção principal desses diálogos é a tentativa de revelar a presença de humanidade em cada um deles. A descrição das emoções e das reações dos personagens sobre o problema que os aflige nos indica em primeiro lugar o fato de que eles são seres humanos, que pensam, que sofrem, que são dotados de uma alma imortal (o romance dá destaque a essa questão) como qualquer outra pessoa. Além de Tom e Elisa, o romance apresenta outros personagens que são representados como “vilões”, como Haley, o comerciante de escravos, Marie ST. Clare esposa de Augustine ST. Clare, o segundo dono de Tom e Simon Legree, o seu último e mais cruel senhor.

Deste modo, a descrição feita por Stowe, da personalidade e as atitudes de cada um desses personagens no decorrer da trama, serviu também como uma denúncia com relação às crueldades que o sistema escravista impunha sobre as pessoas negras da época. De fato, ela conseguiu produzir um certo alarde em certas partes da sociedade americana.

É esse fator humanizador que além de atrair faz com que as pessoas permaneçam envolvidas nas obras literárias de tal forma que elas não conseguem mais olhar para a realidade da mesma forma, dependendo do nível de impacto o indivíduo pode ser tomado por cargas de sentimentos que podem ser prejudiciais a sua própria personalidade. É por isso que Antonio Candido aponta os efeitos que a literatura pode causar no leitor.

[...] convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco (CANDIDO, 2011, p. 178).

O alerta de Candido pode ser percebido em alguns exemplos históricos de literaturas que marcaram certas nações, como a obra *Mein Kampf* (1925), escrita por Adolf Hitler. O livro não foi diretamente o responsável pelo o ‘holocausto’ durante o período da segunda guerra mundial, mas ao apresentar uma filosofia severa e antissemita, audaciosa e de muita retórica, que seguindo o conteúdo principal da obra: manter a raça ariana inabalável e incorruptível, atuou de maneira bem sucedida como instrumento de propaganda da política de estado nazista logo após Hitler ascender ao poder como Chanceler da República, deste modo a atuação de Hitler como um líder carismático que prometia resolver as graves crises econômicas e sociais gerado pelas severas punições impostas pelo tratado de Versalhes colaborou para que o povo alemão não percebessem a periculosidade e o absurdo das ideias que estavam sendo disseminadas naquela obra.

3 “Onde se veem os sentimentos da mercadoria humana quando muda de proprietário”, Entretanto, Tom continuava de pé, com as mãos caídas e os olhos fixos, como num sonho. Lenta e gradualmente, como se começasse a compreender, deixou-se cair na sua velha cadeira, e deixou pender a cabeça nos joelhos. Que Deus tenha piedade de nós — disse Cloé. — Ah, não posso acreditar que seja verdade! Mas que fez ele para o senhor o vender? (tradução nossa).

Uma obra também cercada por polêmica é o romance *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), do também alemão Johann Wolfgang von Goethe. Apesar de ser considerado uma das grandes obras da literatura mundial, o romance carrega o estigma de ter sido o responsável em influenciar o suicídio de 40 jovens logo depois de sua publicação, uma vez que as circunstâncias das mortes dos jovens foram bem parecidas com o exemplo do personagem do romance.

Na época, os jovens copiaram as vestimentas do personagem suicida, ainda que tais fatos sobre o romance seja verdadeiro ou não, com o passar do tempo, estudos sobre emulações de suicídios foram realizados, e em 1974 o sociólogo David Phillips cunhou o termo “Efeito Werther” inspirado nesse romance, porém é preciso ressaltar que essa obra não carrega apenas esse fardo negativo pois ela também dita como um marco da literatura alemã e mundial, o caso mencionado trata-se apenas de um exemplo de como a literatura pode ser um instrumento ‘potencializador’ para que pessoas tomem atitudes equivocadas o que pode acontecer com qualquer obra literária e dependerá principalmente do estado psicológico em que o leitor se encontra.

Vimos através de Antonio Candido que esse estado psicológico do leitor pode ser afetado durante o processo de leitura literária, essa ação é essencial para o desenvolvimento de uma personalidade humanizada por meio das ilustrações e metaforização das particularidades psicológicas dos indivíduos presentes nas obras literárias, por isso como veremos existe um vínculo muito próximo entre literatura e psicologia.

A Psicologia preza pela lógica, situação, esta, que se opõe, substancialmente, à Literatura, ainda que esta seja alicerçada na verossimilhança. Nas palavras de Russell (1964, p. 551), “Psicólogos preferem observações que podem ser replicadas, enquanto o escritor sério lida com analogia, metáfora, e ambiguidade talvez intencional”. Entretanto, a despeito disso, ambas apresentam em comum compreender o desenvolvimento de seus sujeitos, reais / personagens ficticiais, respectivamente, através dos conflitos e problemas que estes apresentam seja na vida, seja no enredo (SANTOS; SANTOS; SILVA, 2018, p.768).

Outro exemplo do fator psicológico presente na literatura pode ser evidenciado na construção dos pensamentos de Freud que levaram a criação da psicanálise.

A criação da psicanálise foi radicalmente atravessada pela presença da literatura. Freud possuía um invejável conhecimento de obras literárias e, desde o início de seus estudos, já é possível notar a influência que os exemplos literários têm na construção do seu pensamento. As citações diversas de Goethe, Schiller, Hoffman, Shakespeare, Sófocles, para citar alguns, destinam-se às vezes à elucidação de ideias, mas, sobretudo, a correspondência entre as descobertas da psicanálise e aquilo que elas literariamente revelam fez com que a literatura adquirisse para Freud caráter comprobatório. Assim o percebeu George Steiner (2001b, p 83): “Freud trata seus textos literários como se tivessem força comprobatória.” Essa apreensão da expressão literária define radicalmente o nascimento e desenvolvimento da teoria psicanalítica (VILLELA, 2015, p. 101).

O complexo de Édipo é uma das teorias psicanalíticas de Freud muito conhecida; ele ocorre durante a fase fálica que é uma das fases do desenvolvimento psicosssexual da criança situada entre os três aos cinco anos de idade, durante essa fase ocorre o descobrimento dos órgãos genitais e a

partir desse momento a criança já consegue diferenciar homens e mulheres. Seu nome deriva da tragédia grega do período clássico Édipo Rei (427 a.C.) de Sófocles (497 - 406 a. C). Resumidamente, a obra conta história de um homem que por vários acasos do destino em saber mata o próprio pai e depois se casa com a própria mãe cumprindo assim uma profecia proferida quando ele era apenas um bebê, inspirado nos acontecimentos narrados nessa obra Freud fez uma análise sob uma perspectiva psicanalítica para poder obter resultados da sua teoria.

Édipo rei é, assim, uma nítida expressão daquilo que a psicanálise se esforçou metodicamente por revelar, o conflito entre desejo e proibição presente no desenvolvimento psíquico; aqui a impossibilidade da completude numa relação binária – mãe e bebê – advinda da intervenção de um terceiro, expresso na metáfora paterna. E, por isso, a obra atrai e repele ao mesmo tempo, na medida em que realiza nossos desejos primitivos e evidencia a dificuldade de descobri-los em nós, ainda vivos na idade adulta (VILLELA, 2015, p. 104).

O exemplo de Freud nos mostra como os mitos assim como todas as histórias narradas nas obras apresentam aspectos universais das crenças e da personalidade humana presentes tanto no inconsciente individual como no inconsciente coletivo dos indivíduos, e contribui na solidificação da compreensão de que na literatura encontramos uma rica fonte de informações a respeito da mente e dos anseios humanos, o que nos permite nos sensibilizar com outras pessoas, entender outras realidades. Além disso, nos ‘alerta’ dos perigos de cometer os mesmos erros cometidos, como na sociedade nazista ou no regime stalinista que foi denunciado por George Orwell em sua fábula moderna *A revolução dos bichos* (1945).

Esse contato e essas percepções permitem o desenvolvimento de uma noção de alteridade no sujeito leitor literário e abre o caminho para uma humanização que permite uma melhor vivência em sociedade, já que o indivíduo passa a entender os pensamentos e os sentimentos dos seus semelhantes. Candido (2011, p. 182) nos traz uma percepção que vai ao encontro dessa noção.

Entendo por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Conforme a noção de humanização destacada por António Candido é possível perceber a aproximação que a literatura tem com a questão dos direitos humanos. Para a historiadora Lynn Hunt, no primeiro capítulo do seu livro *“A Invenção dos Direitos Humanos”* (2016) ela expõe como que a leitura de romances epistolares cooperou com progresso do sentimento de empatia por pessoas de realidades sociais diferentes. A historiadora declara que:

[...] ainda sim, ler romances parece especialmente pertinente, em parte porque o auge de determinado tipo de romance – o epistolar – coincide cronologicamente com o nascimento dos direitos humanos (HUNT, 2016, p. 40).

Segundo Hunt houve uma grande popularização da produção e da leitura dos romances

epistolares no século XVIII, nesse mesmo período, no auge dessa popularidade, por coincidência ou não, foi quando começou a se falar muito nas questões dos direitos humanos. Portanto, para ela, o cerne de sua análise é que a leitura desses romances gerou um sentimento de empatia nos leitores com relação às histórias dos personagens das obras que eles liam. Esse impacto das histórias gera nos leitores a possibilidade de causar uma sensibilização no íntimo das pessoas que, em relação ao sofrimento de outros seres humanos, abriu caminho para as discussões relacionadas aos direitos humanos, iniciando uma longa jornada até culminar com a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948.

É importante frisar duas habilidades importantes no processo de aprendizagem que os alunos passaram a praticar. Primeiro a professora apresentou uma literatura que contextualizava com a realidade dos alunos despertando o interesse deles pela prática da leitura, segundo, além da identificação com a obra, a professora contribuiu para que eles exercitassem a prática da escrita através dos diários pessoais e das cartas para a senhora Miep Gies. Levando em consideração a prática dessas competências feita por esses alunos, abriremos um parêntese em relação a utilização da estratégia das adaptações literárias como auxiliares na formação de novos leitores.

As adaptações feitas em obras literárias podem atuar como um papel muito importante no processo de contextualização da literatura para a juventude contemporânea.

[...] as adaptações para jovens leitores servem para apresentar este público ao seu universo e, conseqüentemente, para disseminar sua importância para a sociedade na qual os leitores se inserem. Isto se faz com incentivo à leitura por parte dos professores e também dos responsáveis desses alunos, os quais devem estimular os estudantes a buscarem a biblioteca e conhecerem obras e autores do gênero, para que recebam uma boa adaptação (NERES, 2014, p. 44-45).

Muitos livros conceituados tiveram adaptações desenvolvidas para o teatro, mas se tratando da geração pós-moderna atraída pelo entretenimento audiovisual. O cinema é uma ótima forma de entrar em contato com as histórias que foram escritas e publicadas nos livros.

Atualmente, o conceito de adaptação é frequentemente adotado para remeter às obras cinematográficas que se originaram de livros, os quais tiveram seus roteiros adaptados para o formato audiovisual. Pode-se dizer que, nesta adaptação de uma linguagem para outra, o adaptador possui uma liberdade mais ampla, até mesmo para modificar parte do enredo (NERES, 2014, p.18).

Um filme, bem-produzido, com uma boa aceitação do público pode despertar a curiosidade das pessoas em conhecer a obra escrita no livro e assim fazer comparações sobre qual das experiências foram enriquecedoras se a do cinema ou a do livro, geralmente após o lançamento de alguns *bestsellers* surgem produções que os adaptam para o cinema, podemos citar o da série de romances de fantasia *Harry Potter*, de JK Rowling, e o romance de suspense *O Código Da Vinci*, de Dan Brown. De acordo com Regina Galo, (2010) em seu artigo "*Dos Livros para os Quadrinhos: as Quadrinizações de Obras Literárias na Sala de Aula*", ela defende a importância do uso de adaptações cinematográficas na sala de aula.

Alguns filmes baseados em obras literárias também são ótimos aliados no ensino e estão disponíveis para a utilização didática. A comparação entre as duas possibilidades de leituras de obras canônicas agrega à discussão gerada em sala de aula o caráter global dos meios de comunicação. Por isso, outra forma de consolidar as adaptações como recurso pedagógico é trazer para a sala de aula filmes também adaptados de obras

clássicas, ou até mesmo que abordem da mesma temática da história, para que dessa maneira possam auxiliar a leitura e compreensão da obra original (GALO, 2010, p. 38).

Outro tipo de adaptação que tem sido realizada atualmente como estratégia de gerar estímulo à leitura são as adaptações dos clássicos literários para quadrinhos. Em 2006 o governo federal, através do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), intensificou o desenvolvimento dessa prática. Segundo Joane Sá (2013), por meio do programa o ministério da educação gerenciou um processo de produção das obras e em 2007 as bibliotecas das escolas receberam em seus acervos as histórias em quadrinhos.

É preciso salientar que o intuito do trabalho não é fazer uma pesquisa acurada em relação aos tipos de adaptações literárias existentes e nem focar no contexto histórico dessas adaptações para o cinema, nem quanto às adaptações feitas para o formato das histórias em quadrinhos, mas tão somente tem como objetivo apresentar mais uma alternativa a ser usada pelos professores na proposta de despertar o interesse dos alunos na leitura de obras literárias. Nessa perspectiva, Galo (2010) acrescenta que:

Outra questão a ser considerada em relação à aplicação das adaptações no ensino é o contato dos leitores com a obra quadrinizada. Como afirmado, as obras literárias adaptadas têm o objetivo de aproximar o público de livros dos quais já ouviram falar, mas nunca leram, servindo também como convite à leitura da obra original, estimulando a formação de leitores. Assim como os quadrinhos pertencem à mídia impressa, as adaptações das obras clássicas assemelham-se ao livro, o que pode criar entre leitor e livro certa intimidade em relação ao manuseio, além de favorecer o gosto pela leitura. (GALO, 2010, p. 38)

Levando em conta tudo o que foi exposto, entendemos que as adaptações literárias podem exercer um potencial atrativo considerável em relação ao interesse dos jovens leitores em relação às obras literárias canônicas ou não. Portanto, o professor pode utilizá-las como uma forma a qual poderá dar auxílio no processo de letramento literário.

Conclusão

Evidenciamos que a capacidade da literatura em fazer com que uma pessoa se coloque no lugar do outro, de refletir sobre as mazelas individuais, estimula o desenvolvimento do processo de humanização, como bem é abordado por Antonio Candido. A questão da humanização e sua relação com a literatura, nos faz entender e afirmar que o desenvolvimento dos direitos humanos foi um fruto que a humanidade colheu justamente pela potência humanizadora que a literatura é capaz de produzir nos leitores. Por último destacamos como o recurso de adaptações literárias podem agir positivamente para na formação de novos leitores. Portanto o poder da literatura, talvez, seja ainda mais importante hoje, século XXI, podendo exercer um papel terapêutico muito importante neste período envolto de grandes contradições sociais, econômicas e diante do caos pandêmico que vivenciamos com a Covid-19.

Além disso, o grande aspecto que fomenta a liberdade e contentamento na vida de cada sujeito leitor está no contato com o objeto primordial, neste caso a obra literária. Estar com os livros e escolher os diversos campos e estilos literários para ampliar a reflexão do pensamento crítico e social de cada ser humano é também o eixo central que sustenta o pilar da satisfação e estética do gozo literário, conforme nos diz Barthes.

O brio do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria a sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem, por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas (BARTHES, 1987, p. 20).

Sendo assim, independente de estilo, rigor, as temáticas literárias e suas formas de exibição, textual, visual, musical com os recursos da cinematografia, reconhecemos que o homem se torna um sujeito empoderado e livre à medida que suas construções de mundo se afloram com as leituras múltiplas através do texto literário. Explorar os caminhos e os recursos diversos que possuímos a fim de conduzir a uma melhoria no processo de formação individual também corrobora para a colheita de ações coletivas benéficas aos ensinamentos que a obra literária pode conceder incondicionalmente a cada um de nós.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011. Cap. 8. p. 170-191.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 1987.

GALO, Regina Aranda da Cruz. Dos Livros para os Quadrinhos: as Quadrinizações de Obras Literárias na Sala de Aula. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 33-31, out. 2010.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Curitiba: A Página, 2012. 285 p. Rosaura Eichenberg.

NERES, Gregory Oliveira. **As adaptações literárias de clássicos para jovens leitores: o caso da editora abril**. 2014. 91 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009. 96 p Traduzido por Caio Moreira)

STOWE, Harriet Beecher. **Uncle tom's cabin; or, Life Among the Lowly**. Ontario: Broadview Editions, 2009. 628 p. Edited by Christopher G. Diller.

SANTOS, Rosemary Conceição dos; SANTOS, João Camilo dos; SILVA, José Aparecido da. Psicologia da Literatura e Psicologia na Literatura. **Trends In Psychology / Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, p. 767-780, jun. 2018.

STOWE, Harriet Beecher. **Uncle tom's cabin; or, Life Among the Lowly**. Ontario: Broadview Editions, 2009. 628 p. Edited by Christopher G. Diller.

VILLELA, Felipe Stiebler Leite. **Psicologia e literatura: a experiência literária na formação do psicólogo**. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Recebido em 15 de março de 2022

Aceito em 22 de abril de 2022